

Denúncias de Antônio Ermírio abrem diálogo com constituintes

SÃO PAULO — Um dia após seu pronunciamento em Brasília, durante a posse do Conselho Consultivo da União Brasileira de Empresários (UBE), o empresário e ex-candidato ao Governo de São Paulo Antônio Ermírio de Moraes disse ontem que foram altamente proveitosas as críticas feitas a certas decisões da Comissão de Sistematização. Muitos constituintes procuraram entrar em contato com ele, querendo saber sua opinião e de outros empresários sobre algumas denúncias ali feitas.

— Hoje já posso dizer que o diálogo está no ar e que muita gente está nos procurando para conversar — revelou Antônio Ermírio. — Era isso que eu queria e que tinha falado para O GLOBO um dia antes do ato de Brasília.

Para Antônio Ermírio, há tempo para se melhorar muito a nova Constituição e, para isso, entende que é preciso bom senso da parte de todos. "Quem puder ajudar tem obrigação de fazê-lo. Muitos constituintes podem fazer isso. Hoje temos que pensar seriamente no País e no bem-estar de sua sociedade. Não podemos pensar individualmente", afirmou.

O empresário lembrou que, há anos, vem falando sobre a intervenção estatal na economia, em prejuízo do próprio País e da necessidade de se cortar os gastos governamentais e até de se fechar empresas estatais com dificuldades econômicas. "Não se deve ter dó dos incompetentes. Deve-se prestigiar os competentes, os que mostram o caminho correto a



Antônio Ermírio: procurando conter o avanço da intervenção na economia

ser seguido. É um absurdo que se gaste dinheiro do povo à toa neste País", disse Antônio Ermírio.

— Todos têm que abrir o coração e mostrar que o Brasil tem condições de reagir às dificuldades e voltar a crescer — desabafou o empresário. A classe política pode alterar essa situação e fazer com que voltemos a ter tranquilidade. Do jeito que está é que é impossível ficar.

Antônio Ermírio reafirmou que não é candidato a Presidente por partido algum.

— Fiquei decepcionado com a classe política nas eleições passadas —

disse Antônio Ermírio. — Perdi, sei muito bem. Mas não falo como um derrotado e, sim, como uma pessoa que aprendeu muito. Como posso ser candidato a Presidente da República sem partido e com o PMDB tendo 22 governadores? É o que se chama uma heresia pensar que eu tenha condições de ser até candidato. Já me decidi, saí do PTB e estou sem partido. Não pretendo voltar à vida pública. Sou mais útil trabalhando nas minhas empresas. Falo isso, mas ninguém acredita. O tempo vai mostrar que não mudo facilmente de opinião. Busco sempre a coerência.

Alves garante que Maciel não tem apoio total

ARACAJU — A atitude do PFL de Pernambuco, que rompeu com o Governo Sarney e passou a fazer oposição, não é apoiada por todas as lideranças do partido no Estado. A afirmação foi feita ontem pelo Ministro do Interior, João Alves. Sem citar nomes, o Ministro ressaltou que muitos pefelistas não seguirão a orientação do Presidente do partido, Senador Marco Maciel.

João Alves garantiu também que o PFL de Sergipe permanecerá apoiando o Governo até o último dia do mandato de Sarney, mas descartou a intenção de convidar o Ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, para assumir o comando das ações, em nível nacional, com o objetivo de manter o partido unido em torno do Presidente:

— O Ministro das Comunicações é um político sábio, capaz, um homem de qualidades excepcionais. Sua vivência política é fundamental para mantermos a unidade partidária girando em torno desse apoio ao Presidente Sarney. Esta ação, contudo, será administrada por todos os Ministros filiados ao PFL.

A disposição do PFL sergipano de convidar Antônio Carlos a desempenhar essa liderança fora anunciada, há dias, pelo Presidente da Assembleia Legislativa, Guido Azevedo. Ele revelara até mesmo que o convite seria feito durante uma reunião das lideranças locais com o Ministro, na noite de quarta-feira passada, quando Antônio Carlos esteve em Aracaju para participar da inauguração da "TV Jornal", que pertence ao Ministro João Alves.

Delfim prevê missão de salvação para empresário

SÃO PAULO — Entusiasmado com a receptividade ao discurso do empresário Antônio Ermírio de Moraes na posse do Conselho Consultivo da União Brasileira de Empresários (UBE), o Deputado Delfim Netto admitiu ontem que Ermírio "é um candidato importante à Presidência da República" e previu que, futuramente, ele será convocado "para uma missão de salvação nacional".

— Não se trata de saber se ele quer ou não quer — disse Delfim. — Isso é como servir ao Exército aos 18 anos; tem que ir lá e servir. Ele vai receber uma missão e terá que cumprir. Se ganhar, ótimo. E, se perder, paciência.

Para o Deputado, o discurso através do qual Antônio Ermírio critica a Constituinte e o Governo não indica qualquer intenção do empresário em candidatar-se à Presidência da República, lembrando que seu estilo sempre foi esse: "No passado ele também fazia isso", lembrou. Segundo Delfim, Antônio Ermírio nada mais fez do que "repetir no fundo o que a Nação inteira está dizendo, que o Governo não fala a verdade."

— O Governo aumenta impostos e a taxa que está diminuindo. Libera os preços e diz que está controlando. Aumenta as linhas de pagamento e diz que está criando condições para reduzir a inflação. Multiplica por cinco o déficit público e diz que está



Delfim admite que Antônio Ermírio é nome importante para a Presidência

estudando o seu controle.

Delfim Netto disse ainda que o "Centrão" não deve ser encarado como um movimento contra o Governo, a Constituinte ou o Deputado Ulysses Guimarães. Segundo ele, trata-se de um movimento "a favor da Nação e o Governo só está querendo pegar o cavalo e dar uma voltinha". Os líderes do "Centrão", para Delfim, estão reunidos apenas para tornar possível a apresentação de emendas no plenário da Constituinte.

— Se o "Centrão" fosse presiden-

cialista e a favor do mandato de cinco aos, não existiria. O grupo se organizou contra a minoria que está lá e, realmente, se apropriou da feitura da Constituição — disse o Deputado, depois de reconhecer que qualquer de seus integrantes é "jejuno em política perto do doutor Ulysses Guimarães".

Após elogiar a inteligência do Presidente da Constituinte, o Deputado lembrou com ironia que costuma dizer: "Se o General Castelo Branco tivesse escolhido o doutor Ulysses como parceiro, a Revolução iria durar mil anos".

Sylvio Cunha: Impossível calar-se ante absurdos

O Presidente do Clube dos Diretores Lojistas do Rio, Sylvio Cunha, enviou ontem telegramas de solidariedade ao Presidente da Confederação Nacional do Comércio, José Domingos de Oliveira Santos, e ao empresário Antônio Ermírio de Moraes, pelos pronunciamentos feitos durante a posse do Conselho Consultivo da UBE, quinta-feira, a respeito da política econômica brasileira.

Em nome do Clube e de seus filiados, Sylvio Cunha diz que "a situação requer união de propósitos em torno de objetivos que não são apenas de uma classe ou categoria", acrescentando que "já é tempo de a política deixar de pesar sobre a economia". O líder empresarial ressalta

que é impossível aos lojistas permanecer calados "ante o quadro de absurdos a que chegamos neste ano em que predomina a incerteza".

Como se não bastasse, diz ele, "a Constituinte está distribuindo o que não existe, num jogo falacioso onde o trabalhador será o mais prejudicado. Para o dirigente, "a Comissão de Sistematização está fomentando, na verdade, uma fábrica de desempregos e fechando as portas do futuro desta nação".

Sylvio Cunha aponta, nos telegramas, "a verdade da Constituinte", ou seja, os dispositivos que, se aprovados, ele chama de "avanços": declínio da produtividade; declínio dos investimentos; apologia da ineficiên-

cia; desestímulo ao lucro; recrudescimento da recessão; cerceamento da liberdade do empresariado criar e gerir seus negócios; aumento do desemprego, tornando dramático o contexto social; desajustamento da própria dinâmica da economia; desarmonia entre o capital e o trabalho, tolhendo a livre negociação; impossibilidade do trabalhador auferir melhores e justas remunerações, impedindo a produtividade.

Conclamando o empresariado a pôr acima de tudo o interesse nacional, Sylvio Cunha faz uma apelo no sentido de que se trabalhe e produza: "Esse é o único caminho que conhecemos para sair da situação em que estamos mergulhados".

Magalhães: Só eleição em 88 une pefelistas

RECIFE — Ao chegar ontem de Brasília, onde esteve com o Presidente nacional do PFL, Senador Marco Maciel, o ex-Governador Roberto Magalhães previu que a única maneira de se evitar que o partido rache ao meio na Convenção Nacional do partido, prevista para o início do próximo ano, é lançando um candidato a Presidente da República e aderindo oficialmente à campanha por eleições diretas em 88.

Disse que sentiu um clima de muito desânimo em Brasília, tanto em relação à Assembleia Nacional Constituinte como no que diz respeito ao futuro do País. Segundo Magalhães, não há outro caminho para devolver um mínimo de esperança à população senão marcando-se eleições para a Presidência da República no ano que vem.

Mas, segundo ele, mesmo que essa tese venha a ser encampada pela convenção do PFL o partido não marchará unido, "pois tão difícil quanto mudar o pensamento dos rebeldes por convicção é mudar a cabeça dos que são governistas por vocação".

Roberto Magalhães almoçou com quase toda a bancada do PFL de Pernambuco em Brasília e pelo que ouviu dos deputados acha que o partido ainda vai demorar muito a se afastar da "linha hamletiana" em que se encontra, isto é, de ser governo e oposição ao mesmo tempo.

Dos 11 deputados eleitos em 86, apenas um — José Jorge, ligado ao Senador Marco Maciel — é a favor do rompimento com o Governo federal, o que deixa o ex-Governador pessimista em relação a uma posição unitária do PFL de Pernambuco.

Parte dos 'moderados' poderá apoiar eleição no ano que vem

BRASÍLIA — Ameaçado na Sistematização, onde a ideia de fixar em quatro anos o atual mandato já tem o apoio de 46 dos 47 votos necessários, o Presidente Sarney enfrenta o risco de não contar no plenário com a totalidade do "Centrão", cuja formação recebeu com entusiasmo. Ontem, ao mesmo tempo em que alguns membros do grupo proclamavam a disposição de votar pelos quatro anos de mandato, líderes do PMDB e do PFL intensificavam entendimentos para abreviar a transição. Na mesa, duas hipóteses: eleições em novembro de 1988 ou 90 dias depois de promulgada a Constituição.

Segundo pefelistas favoráveis às eleições no próximo ano, os 46 votos garantidos à proposta na Comissão incluíam, do partido,

apenas o Senador Carlos Chiarelli (RS) e os Deputados Alcenio Guerra (PR), Mendes Thame (SP) e Sandra Cavalcanti (RJ). Eles afirmavam crer, no entanto, que a tese sensibilizaria Senador Afonso Arinos (PFL-RJ) e os Deputados Inocêncio de Oliveira (PE), José Lins (CE) e José Thomaz Nonó (AL).

Pela avaliação desses parlamentares, o provável lançamento de Aureliano Chaves à sucessão de Sarney deverá influenciar os Deputados Mário Assad e José Santana, ambos de Minas. Da mesma forma, um aval do Senador Marco Maciel à eleição em 1988 poderá influir sobre o Deputado Ricardo Fiúza (PE). Haveriam sinais de que os Deputados Francisco Dornelles (RJ) e Aluizio Chaves (PA) — ambos da Sistematização — poderão apoiar os

quatro anos.

Em outras esferas, os entendimentos começaram. Deputados e Senadores do PFL e do PMDB discutem uma saída honrosa para Sarney. Ontem, por exemplo, a questão foi tratada na sede do PFL. Lá, conversaram animadamente Maciel, o Prefeito de Curitiba, Dante de Oliveira (PMDB), e o Deputado João Herman (PMDB-SP). Predominou a tese de que o Presidente deve se antecipar a uma derrota convocando eleições presidenciais 90 dias após a promulgação da Constituição. Mas ainda não foi resolvido quem vencerá o Presidente. Por problemas éticos, nenhum dos principais destaques da Constituinte poderia participar dessa missão. Afinal, quase todos são candidatos à sucessão de Sarney.